Diário de Bordo

Uma jornada pessoal no ensino superior: a docência e seus desafios

**Uma breve apresentação**

 Desde os primórdios dos tempos, a raça humana perpassou por desafios que até hoje nos intrigam. A linha evolutiva de nossos ancestrais nos colocou em um patamar complexo em termos comportamentais e nos fez crer em uma superioridade superestimada. Talvez a capacidade de raciocínio lógico e de criação sejam nossos diferenciais para outras espécies de animais, gerando a imagem de seres autocráticos perante a elas. Contudo, ao que indica, nossa capacidade de elaboração de insígnias e simbologias distintas ao redor do globo, nos distanciou cada vez mais dos aspectos que nos naturalizam como pertencentes a mãe terra.

 Em sala de aula essa mesma lógica, por mais sutil e de menor impacto que seja, comparece nas primeiras relações de poder entre o professor e aluno. Estes dois protagonistas não percebem, mas são interdependentes. A figura de um não existiria sem a silhueta do outro, e a figura do professor, apesar de centralizada como principal agente do ensino-aprendizado é, de fato, a ponta de todo iceberg na aprendizagem. O professor é visto como “detentor inquestionável” do saber, que segue um currículo pré-estabelecido. Um vetor cuja função principal é transferir conhecimento de forma subjetiva e o aluno um receptor passivo a tudo que lhe és repassado.

 Esse formato tradicional de ensino, se percebermos, nos acompanha há mais de um século. Mesmo com todos os avanços tecnológicos de ferramentas complementares podem ser aplicadas nas rotinas acadêmicas, no avanço da ciência em todas as frentes, sobretudo na área educacional e pedagógica, parece-me que há uma resistência maior na aplicação dessas últimas.

 Este diário seguirá um caminho pouco convencional. Terá abordagens sobre as experiências vividas daquele que vos escreve, não necessariamente no período da disciplina e virá a partir de suspiros literais do meu alter ego. Em outros momentos seguirá a partir da visão panorâmica crítica de um observador nato, seja sobre partes das exposições e debates realizados em sala de aula, ou a partir de citações dos diversos autores lidos durante toda disciplina.

 Segue o bonde...

**Tomo I – O ensino superior**

 A educação do ensino superior no Brasil é relativamente recente se comparada ao que hoje entendemos como “ensino universitário” em países europeus. Seu formato hoje ainda abarca muitos resquícios dos primórdios da educação tecnicista, esta muito voltada às exigências de um país em pleno crescimento industrial e econômico, carente de mão-de-obra especializada, período este do surgimento das primeiras escolas técnicas.

 As escolas técnicas tiveram papel fundamental na educação do país por ter sido o principal meio de preparação, não somente para o mercado de trabalho, mas como acesso direto do saber profissional e técnico. O acesso pode ser entendido aqui como “fonte do saber técnico”, entretanto para outros a interpretação pode ir além do objeto técnico do saber, mas sim como algo que o preparará “para vida”. O conteúdo ministrado nessas escolas era direcionado a resolução de problemas previamente estabelecidos, algo semelhante a uma “caixa de problemas” e quase sempre com uma solução pronta (uma única solução). Muitas vezes sem espaços à críticas, debates e questionamentos.

Não muito diferente, o ensino superior nas universidades segue em partes alguns elementos do ensino técnico. O mercado de trabalho tem supervalorizado profissionais com formação em instituições do ensino superior, o que ocultou a importância da formação em ensino técnico. De um lado, as instituições de ensino superior elaboram currículos específicos que atendam por vezes essas demandas de profissionais qualificados para exercer alguma função. Do outro lado, espera-se do professor certo domínio dos conhecimentos básicos em determinada área, além de experiência empírica sobre ele.

Esse formato de educação superior tem sido debatido nas últimas décadas com o principal apelo ao ensino-aprendizagem e põe a centralidade na figura do professor. A docência em nível superior necessita de professores capazes de aplicar técnicas pedagógicas em sala. Há uma grande carência de professores com esse perfil, seja porque nunca tiveram a oportunidade do contato com essa área, ou por não dar a devida relevância em sua prática docente. Sobre esta temática, deixarei uma citação do livro do Masetto (2002):

*“(...) dificilmente poderemos falar de profissionais do processo ensino-aprendizagem que não dominem, no mínimo, quatro grandes eixos do mesmo: o próprio conceito de processo de ensino-aprendizagem, o professor como conceptor e gestor do currículo, a compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno no processo, e a teoria e prática básica da tecnologia educacional.”* (pág. 27)

**Tomo II – As aulas do Prof. Marcos Sorrentino**

 Aula – 04/04

 A aula introdutória da disciplina foi um tanto quanto misteriosa e desafiadora. Sinceramente não havia de minha parte expectativas sobre qual abordagem o professor a ministraria, sob qual perspectiva educacional e linha pedagógica a disciplina daria seguimento até a primeira aula.

 Nessa aula tivemos alguns esclarecimentos por parte do professor de como a disciplina daria seguimento ao longo do semestre. A forma avaliativa não ficou totalmente clara, mas as atividades foram definidas naquele instante. Durante o semestre deveríamos participar ativamente de todas as etapas, incluindo elaborar um plano de curso e planejar uma aula com base nos preceitos aprendidos durante a disciplina.

 Em seguida, o professor nos desafiou com uma dinâmica. Esta dinâmica consistia em ficarmos em pé, face-a-face um com o outro e, nesse momento, as coordenadas eram dadas por ele. Ele proferia uma palavra e deveríamos falar com o outro sobre aquele tema. Dois desafios foram diagnosticados: 1) a arte do improviso, a eloquência e interlocução sobre variados temas; 2) a expressão para com o outro, sem aviso prévio e conhecimento sobre a pessoa, para um total desconhecido.

 Dentre as temáticas, três delas me chamaram a atenção (ou me impressionaram mais). Uma delas foi sobre farinha, outra sobre feminismo e plancs (que entendi como *punk*, o movimento social urbano da década de setenta).

Sobre o primeiro tema, farinha, coincidentemente falei para alguém cujo sobrenome nada mais é a própria “farinha”. No momento desconhecia esta informação e dei minha explicação sobre ela. Nesse contexto, em um outro momento descobri que a farinha como conheço (aquela que vem da mandioca, macaxeira, etc) tem outra conotação aqui no Sudeste (ou material de origem) da qual eu conheço. A farinha aqui é a farinha de milho.

O segundo tema, feminismo, tive que explicar para uma mulher sobre o que é e qual a minha vivência com ele. Comentei sobre meus primeiros contatos com o feminismo, que datam do início dos anos 2000, quando no Brasil o discurso ou pessoas representativas ainda eram pouco expressivas ou, então, restritas aos guetos das dissertações e teses sobre o tema. Posteriormente, alguém (do sexo masculino) mencionou sobre o incômodo em explicar para uma mulher sobre o que é feminismo. Poderia, aqui, problematizar esta fala em apenas uma indagação, a qual mencionei na seguinte pergunta, no momento em que expliquei sobre o termo a uma mulher: “existe homem feminista?”

O terceiro, e último tema, foi sobre plancs. Nesse momento, por total desconhecimento da sigla, associei diretamente ao movimento *punk* da década de setenta, movimento este que revolucionou o cenário político e da música especialmente. Expliquei que, como tive uma influência marcante da música em minha vida, o movimento punk foi uma escola para mim. Todas as questões e desconstruções foram provocadas nesse período, no auge dos meus 16 anos e uma das razões para o contato “precoce” ao termo feminismo.

A outra parte da aula foi sobre nos apresentarmos. Cada aluno, em um papel em branco, escreveu sua origem, formação e qual curso está realizando na ESALQ. A palavra que escolhi foi “prolixo” e expliquei que a escolha se deu por causa de uma barreira que venho travando comigo mesmo a respeito. Na verdade, nem sei ao certo se me reconheço como tal, mas sim como algumas pessoas me enxergam.

O professor sugeriu que fizéssemos então uma autobiografia sobre nós, em formato gráfico para apresentarmos na aula subsequente.

Aula – 11/04

Temos poucas oportunidades de mostrar quem somos nós, traçar uma evolução e apresentar as escolhas que fizemos baseadas em demandas ou não da vida. O primeiro pensamento que tive foi justamente sobre evolução, como se o caminho que traçamos sempre será uma linha que nos guia de forma a olhar sempre para frente ou em direções unilaterais. A única certeza que temos é o momento. Este que se renova e esvai em cada linha escrita nesse parágrafo e que vira passado quase que instantaneamente.

No momento de criação da minha autobiografia refleti um pouco sobre as origens. Não no sentimento de bandeira fincada, um marco ou territorialidade. Queria sair um pouco da lógica das biografias convencionais, porém não obtive sucesso. Talvez por não conseguir eliminar por completo o estigma das biografias que li sobre figuras emblemáticas, algumas com um papel fundamental em nossas vidas e que deixamos passar. Talvez por um passado educacional que não estimulou a criatividade e algum espectro no campo das artes visuais.

Segui no modo convencional. Minha biografia não foi diferente das demais, exceto pelo aspecto “caótico” de organização. O professor sugeriu que separássemos em grupos de 4 a 5 pessoas no sentido de apresentarmos nossa biografia e responder as seguintes questões:

1.  Quais eram nossas proximidades e distanciamentos?

2.  Definimos alguns conceitos sobre: educação, escola e ensino e aprendizagem.

Inicialmente não entendemos bem o que fazer com as questões repassadas e focamos na apresentação das biografias.

A primeira pessoa a apresentar sua biografia foi a B. Farinha. Sim, a mesma do momento da Farinha. Sua biografia se contrapôs a todas as biografias realizadas. Ela utilizou um poema chamado “traduzir-se” do autor Ferreira Gullar para representar como a arte foi e está presente em sua vida. No seu cartaz ainda continha um fundo colorido que, na explicação dela, representa as suas várias fases e ainda complementou que participa de um grupo circense na cidade de Rio Claro.

Contudo a história que mais me cativou foi a do Luã. De maneira expositiva, ele também se contrapôs a alguns formatos utilizados para exposição das biografias e nos trouxe algumas fotos e pequenos papéis com vários jargões utilizados por ele em cada fase de sua vida. Ele separou sua história em intervalos de sete anos e nos contou um pouco sobre sua história familiar, conflitos de cunho pessoal e seus anos de militância estudantil.

Diante dos pontos que nos aproximava e distanciava, concordamos que todos eles no fim eram aspectos que nos aproximava. A ideia é que tivéssemos uma visão ampla de como podemos aprender a partir das nossas experiências e das vivências dos outros, bem como isso interfere na nossa forma de enxergar o mundo. Outra razão é como isso pode ser inserido no ensino, no ciclo de renovação entre aquilo que é ensinado no seio escolar (ou acadêmico) e a formação do indivíduo durante a vida.

Nessa grande utopia, segue um dos pilares da educação baseada no ensino-aprendizagem que deve ser encarada como uma via de mão dupla. De um lado, temos o conhecimento acumulado historicamente e, esse deve ter sua consideração dentro de um princípio pedagógico. Do outro, as várias formas do saber que existe em cada elemento social, cuja experiência pode ser associada a algum conhecimento consolidado, que deve ser debatido, questionado e considerado dentro de uma esfera educacional.

Aula – 25/04

 O professor introduziu a aula com um presente-documentário chamado [**Neram N’Dok**](https://www.youtube.com/watch?v=udegEFdcZmQ), que fala sobre uma comunidade africana, mais especificamente em Guiné Bissau, em um processo de construção participativa, educação informal ou educomunicação na Área Marinha Protegida no Arquipélago dos Bijagós**.**

Uma discussão foi gerada sobre a minha sugestão em termos de literatura que questione o Paulo Freire. A ideia aqui foi, por desconhecimento meu, em ter uma leitura antagônica a ele não por acreditar que algo fora da esfera “Freiriana” seja o mais coerente, mas sim por uma curiosidade pessoal.

É visível o respaldo não somente em âmbito nacional quanto internacional da literatura “Freiriana” e, como ela tem funcionado em alguns países. Mais recentemente assisti o documentário “invasor americano”, que de maneira simples ironiza o padrão norte americano de invasão a outros países para confisco de suas riquezas. Nesse documentário o Michael Moore se comporta como um típico norte americano cuja função é roubar as ideias de políticas públicas, que deram certo em vários países europeus e africanos.

É interessante notar como existe um espectro “Freiriano” nas utopias das políticas públicas aplicadas, principalmente na área educacional de alguns países. O exemplo mais chamativo é o caso da educação na Finlândia, país hoje tido como referência no campo educacional com seus princípios libertadores em seu currículo. Esses princípios têm sido questionados e constitui como principal mecanismo de ataque à governos totalitários. Deixo aqui um trecho do livro do Paulo Freire, *Pedagogia de autonomia*, que fala como a educação libertadora pode transparecer a ideologia dominante de governos assim:

*“Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante.”* (p.110-111)

**Tomo III – As aulas dos grupos**

Este tópico servirá para falar de forma abrangente sobre a maneira como os grupos apresentaram na prática técnicas de didática que favorecem o ensino-aprendizagem. Conforme mencionei anteriormente é necessário um caminho intermitente na interlocução dos dois agentes efetivos na aprendizagem: o professor e aluno. Assim, trarei um trecho novamente do Paulo Freire sobre isso:

*“(...) meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. (...)” (em Pedagogia da Autonomia, p. 133-134)*

O Paulo Freire é claro quanto a função do professor em sala de aula. Ele deduz que o professor é um agente instigador do saber, que incita o aluno na busca do conhecimento a partir de ferramentas que ele propõe. O professor, por mais egocêntrico que seja, deve estar apto a desvencilhar da figura autoritária e soberana do conhecimento e estimular que o aluno seja também a fonte do saber. Os grupos foram eficientes nesse quesito e muniram-se de mecanismos que prendiam a atenção dos expectadores.

Nesse tempo aprendi uma nova palavra com o Grupo 1: a práxis. Para exemplificar melhor, pegarei um trecho na íntegra do artigo do Volnei Fortuna, *A relação teoria e prática na educação em Freire*, que conceitua o que Paulo Freire entende como práxis:

*“(...) práxis significa que, ao mesmo tempo, o sujeito age/reflete e ao refletir age, ou se desejar-mos, o sujeito da teoria vai para a prática e da sua prática chega à nova teoria, sendo assim, teoria e prática se fazem juntas, perpetuam-se na práxis.”*

 Como a teoria e prática podem caminhar juntas em uma sala de aula? Apesar do papel fundamental das discussões sobre o saber ensinar e a naturalização da incompletude, como reformular um espaço tão engessado quanto o ambiente educacional em sala de aula?

Algumas alternativas como elaboração e aplicação de dinâmicas e a organização em círculo são aplicações que, por mais caricatas que possam parecer, possuem um significado psíquico interessante. No entanto, o que me pareceu é que essas ideias foram tão bem assimiladas que se tornaram uma regra hegemônica a ser seguida devido o formato de aula sugerido pelo professor Marcos.

Nesse grau em específico, faço aqui minha crítica ao Grupo 1 por não ter saído de sua zona de conforto. Ou seja, a aula foi uma simulação daquilo que já tínhamos vivenciado nas aulas do professor. A problemática aqui não é apenas pela repetição metodologica, já que o objetivo central é o aprendizado, mas sim na questão do aspecto desafiador ao qual o professor deverá estar apto a aceitar para contemplar os anseios dos alunos. Se a ideia central é buscar o interesse do aluno, aulas que seguem sempre um padrão já absorvido por ele tenderá ao mesmo desinteresse do formato convencional de ensino.

Entretanto, a forma em que o grupo conduziu as atividades da aula, de maneira sincronizada foi interessante. Isso faz com que o professor possa planejar de forma clara o conteúdo a ser ministrado e que questões importantes sejam levantadas durante o tempo estabelecido. Criar metas de ensino pode parecer algo estranho por não considerar o tempo de aprendizagem de cada aluno, mas pode ser um estímulo interessante para um diagnóstico rápido e participativo.

Sem uma análise crítica e uma reflexão sobre o real objetivo de uma dinâmica, ela pode se tornar uma ferramenta inimiga de uma aula, sem adesão dos alunos. Isso foi observado em menor escala no Grupo 2 e em maior escala no Grupo 4.

No Grupo 2, o texto sugerido para leitura não conseguiu contextualizar o tema a ser abordado na disciplina e gerou uma certa confusão em sala. Isso ficou mais nítido no momento de exposição do tema nos slides. Como consequência afetou diretamente nas dinâmicas sugeridas pelo grupo, por não ter deixado claro a proposta dela e menos ainda qual temática seria abordada dentro do contexto. Diante disso observei que o meu grupo percebeu esta inconsistência gerando assim um sentimento de impaciência e desinteresse por parte dos integrantes.

No grupo 4, o objetivo central das dinâmicas e o produto que eles queriam gerar, eram satisfatórios e condizentes com a ideia dela. Contudo, os elementos utilizados não criavam místicas necessárias para atiçar a curiosidade, que pela dessincronização do próprio grupo, já trazia elementos de uma possível “moral da história”, sem grandes surpresas no final. Não que seja uma regra que toda dinâmica possua um “mistério” sobre qual o seu objetivo e que moral ela pretende levantar. Mas, creio que a dinâmica sirva para levantar questões profundas e revele algumas sensações que provoque o indivíduo à reflexão.

Sobre os planos de aulas, grande parte dos grupos conseguiram esboçar de forma clara os objetivos e justificativas, exceto o Grupo 4. O Grupo 2, para mim foi o que melhor estruturou o plano de ensino e deve ser a referência para elaboração dos outros Grupos. No Grupo 4, como não houve consenso por parte do grupo no segmento do tema e como seria o plano de aula, as inconsistências ficaram evidentes quanto a incompatibilidade dos processos de avaliação da disciplina sugerida por eles.

Neste momento o debate foi para um outro patamar. A questão que foi posta para ser debatida envolvia dois aspectos importantes: 1) em disciplinas multidisciplinares, existe uma forma que contemple todos os anseios docentes?; 2) quando não há consenso, o que devemos fazer? realizar vários planos de curso ou aprender a lidar com as diferenças? Lembro-me de ter concordado com a segunda pergunta, no sentido de que o diálogo pode ser a chave para um acordo comum, haja visto que o objetivo central é o aprendizado do aluno. Porém, o professor Marcos concordou que devido as divergências e o resultado final apresentado, ele acataria que o grupo fizesse dois planos de aula (ensino) para cumprir este mesmo objetivo final.

Em contrasenso, o Grupo 5, com o desafio de provocar os estudantes de pós-graduação na divulgação de suas pesquisas, se mostrou com grupo que melhor prescreveu em termos de detalhes. A utilização de instrumentos de gravação, organização na exposição do plano de ensino e o zelo pelo detalhe, principalmente na parte gastronômica, com a descrição das plantas e pratos servidos, mostraram a dedicação do grupo para com os mínimos. Mas, será que em uma rotina de disciplina ou curso, estes procedimentos poderiam ser aplicados com as mesma dedicação da aula exemplificativa?

Com o atual quadro político que vivemos, o tema do Grupo 5 foi oportuno. Por se tratar de um público majoritariamente universitário, a adesão e participação foi quase que unânime. Com outros grupos, fica a reflexão se o mesmo resultado poderia ser suplantado.

O Grupo 6, este a qual fiz parte, decidiu a partir de uma sugestão minha abordar sobre as dificuldades de um docente em transpor conteúdos matemáticos (ou científicos) para alunos de diversos níveis educacionais. Nesse sentido, sugerimos um curso que capacitasse professores e/ou alunos de graduação, com ferramentas didáticas para transposição de conhecimento considerado massivo. Começamos com uma dinâmica da fábula das pedras, que gerou um debate interessante sobre como cada uma enxergava a intervenção, bem como a hierarquia de problemas. Após, abordamos um pouco sobre ansiedade matemática e transposição didática. Logo em seguida, demonstramos na prática como podemos transpor o conhecimento a partir da participação do aluno, na construção de uma prancheta hipsométrica (instrumento utilizado para medição de altura das árvores e parte do princípio da semelhança de triângulos). Esse instrumento construído foi testado em árvores reais, comprovando que pode ser uma ferramenta útil quando não se tem instrumentos mais sofisticados para medição da altura.

Pela contrapartida da turma, a aula foi bem proveitosa. Em muitos momentos, apesar de não ter sido mencionado, o improviso foi utilizado com base na dinâmica da turma. Esse tipo de comportamento pode ser o diferencial para aulas em que as demandas dos alunos variam muito ou o perfil do aluno muda com sua evolução ao conteúdo exposto. A docência é, antes de tudo, um estado mutável da arte.

**Tomo IV - A Autoavaliação**

Minha autoavaliação será dividida em quatro eixos principais:

**Frequência e pontualidade (nota 9,7)**: A frequência do aluno em uma disciplina é o primeiro sinal de compromisso e respeito para com o professor pelo qual a ministra. Durante todo o curso, obtive 100% de assiduidade. No quesito pontualidade, apenas na aula do dia 09/05 cheguei 20 minutos atrasado e o Grupo 3 já havia começado suas atividades.

**Participação em sala de aula (nota 9,7)**: Participei de todas as atividades propostas e realizei a leitura e fichamento de quase todos os textos sugeridos para debate. No quesito participação ativa nos debates, apesar de ter me exposto em alguns momentos, não fui assertivo nas sugestões e problematizações acerca dos temas postos em voga.

**Exemplo de aula e Plano de ensino (nota 10,0)**: Acredito que o objetivo final da aula e do plano de curso foram satisfatórios. O aprendizado na experiência de elaboração de um plano de ensino foi motivador para sugerir outras formas de abordagem no sentido do ensino-aprendizagem. Outrossim, o contato com as diferentes e semelhantes visões de mundo dos outros membros do grupo, bem como a ótima convivência nas reuniões para elaboração do plano, foram enriquecedoras para trabalhar com possíveis divergências.

**Diário de bordo (nota 10,0)** : Apesar de não ter conseguido elaborar o diário de bordo em um formato diferente deste (já que a ideia era digitalizá-lo em formato de jornal ou folder), o objetivo final dele foi alcançado.

**NOTA FINAL: 9,85**